

Breve comentário de dois poemas em traduções literais

Brief commentary on two poems in literal translations

Joaquim Ferreira Mendes Neto¹

Resumo: Este texto propõe a análise através de duas traduções literais dos poemas de Púchkin e Lérmontov. Por meio das traduções, é possível conhecer algumas palavras-chave que são essenciais para a tradução e compreensão do texto. O texto também conta com uma tradução poética para a comparação.

Palavras-chave: Tradução; Tradução literal; Poesia; Literatura russa; Literatura comparada.

Abstract: This text proposes the analysis of two literal translations of Puchkin's and Lermontov's poems. Through translations, it is possible to know some key words that are essential for the translation and understanding of the text. The text also has a poetic translation for comparison.

Keywords: Translation; Literal translation; Poetry; Russian literature; Comparative Literature.

As traduções literais dos poemas de Alexandr Púchkin (1799-1837) e Mikhail Lérmontov (1814-1841) neste texto não têm intenção de enfeixar uma tradução poética, sequer são a tentativa disso. Mas pretendem demonstrar como a análise da tradução não poética também colabora para a apreensão semântica do texto lírico. Segue a tradução literal de “ТУЧИ”, de Lérmontov.

ТУЧИ²

Тучки небесные, вечные странники!
 Степью лазурною, цепью жемчужною
 Мчитесь вы, будто как я же, изгнанники
 С милого севера в сторону южную.

¹ Graduando em Letras pela Universidade de São Paulo. Entre 2017 e 2018, desenvolveu a pesquisa de Iniciação Científica intitulada “A aposta do medalhão: uma leitura social”. Desde 2019 é bolsista FAPESP com a pesquisa “A paródia do romance de formação em O adolescente, de Fiódor Dostoiévski” joaquim.ferreira.neto@usp.br

² Disponível em: <https://ilibrary.ru/text/1015/p.1/index.html>. Acesso em: 07 ago. 2020.

Кто же вас гонит: судьбы ли решение?
 Зависть ли тайная? злоба ль открытая?
 Или на вас тяготит преступление?
 Или друзей клевета ядовитая?

Нет, вам наскучили нивы бесплодные...
 Чужды вам страсти и чужды страдания;
 Вечно холодные, вечно свободные,
 Нет у вас родины, нет вам изгнания.

Nuvens

Nuvens celestiais, eternas viajantes!
 Pela estepe azulada, corrente de pérola
 Vocês se apressam, assim como eu, exilados.
 do doce norte rumo ao sul

Quem as impulsiona: é decisão da Fortuna?
 Inveja secreta? Ira descoberta?
 O crime as oprime?
 ou os amigos a calúnia venenosa?

Não, aborreceram-nas os campos inférteis...
 São estranhas para vocês as paixões e os sofrimentos alheios
 eternos frios, eternas liberdades.
 Vocês não têm pátria, não há exílio para vocês.

Já no título do poema o poeta evoca um elemento da natureza que servirá de diálogo para o Eu-lírico durante o poema “Nuvens”. O poema revela o tom da experiência reflexiva do autor no exílio e opõe nas livres nuvens do céu o seu estado de encarceramento.

Através da tradução literal, é possível trabalhar uma leitura do texto lírico com base nas palavras caras ao período poético. Ou seja, *странник* (viajante, caminhante); *изгнанник* (exilado, desterrado); *судьба* (destino, sina, fado); *злоба* (ira, malícia); *преступление* (crime);

свободный (livre, desocupado); e *родина* (pátria) são para o leitor um léxico épico já conhecido e evocado na *Odisseia*, de Homero. Ulisses também sente o exílio e se torna um desconhecido para seu antigo mundo, mesmo que carregue em si a insígnia de homem-fronteira. Mas os pensamentos e sentimentos de Ulisses não foram expostos por Homero (Platão discorre sobre essa problemática na *República*), mas em Lermontov ganham dimensão humana.

O poema de Lermontov não foge à regra do período. Apresenta também um equilíbrio fundamental ao conservar os pares de rimas e estrofes, dividir o poema entre, na primeira estrofe, a apresentação de um problema, na segunda, o seu questionamento, e na terceira, uma síntese que surge através da reflexão das duas estrofes anteriores.

Além desse equilíbrio, o poema parece seguir o mesmo movimento de uma nuvem. Na primeira estrofe, o sujeito assume uma posição vertical de encontro ao objeto, as nuvens que são comparadas a uma "corrente de pérola" pelo seu uniforme movimento. Esse movimento é o que distancia o Eu-lírico das nuvens na segunda estrofe já que ele, preso ao chão e ao exílio compulsório, não pode se mover.

É então que surgem as questões do Eu-lírico e que, ainda de certa forma fundido com o objeto apreendido pelo Eu, não percebe *a priori* que as nuvens são diferentes dele e que não vivem sob as mesmas regras. O impacto vem com as respostas, que não vem das nuvens, mas é fruto da própria reflexão do Eu na terceira estrofe do poema, como se crime, destino e inveja fossem característicos também do mundo natural.

A terceira estrofe nasce com a impactante resposta às suas perguntas. À medida que as nuvens se afastam, o Eu também se descontamina da fusão vertical da primeira estrofe, e coloca o sujeito como centro das questões que são puramente humanas. É dessa forma que o Eu do poema se aproxima do herói byroniano ao fugir do mimetismo puramente romântico e abrir espaço para discussões em que o sujeito é o centro das aflições. Ao se distanciar das nuvens, o Eu percebe que a natureza não reflete a sua angústia que advém das regras humanas, no caso russo, a autocracia tsarista. A famosa didascália de Lermontov “*Нет, я не Байрон, я другой*” (Não, eu não sou Byron, sou outro) poderia contradizer a aproximação feita se ela não fosse irônica e, com isso, afirmasse justamente aquilo que nega. Lermontov se ergue sobre uma tradição que lhe custou, e também a Púchkin, o exílio e a morte precoce.

No poema “Não, eu não sou Byron, sou outro”, assim como no poema “Nuvens”, há indagações retóricas que são resultados para além do exílio: “*Кто может, океан угрюмый, / Твои изведать тайны? Кто / Толпе мой расскажет думы?*”³ (Quem poderá, sombrio oceano/ Seus segredos conhecer? Quem/Contará meus pensamentos à multidão?).

³ Disponível em: <https://ilibrary.ru/text/1147/p.1/index.html>. Acesso em: 07 ago. 2020.

Lérmontov constrói a poética do constrangimento, do ser diante da natureza para ver a si mesmo e descobrir por si algo então desconhecido. Já no poema “Утѣс” (Penhasco), é possível enxergar uma alegoria também presente, porém, já personificada, em “Nuvens”, enquanto naquele o movimento do sublime e o estanque prosaico refletem sobre o amor, neste é a liberdade que é posta em discussão retórica pelo Eu-lírico.

Essa face do reconhecimento para se aproximar ou se afastar da natureza também é possível ser analisada em Púchkin no seu poema “Uva” seguido de sua tradução literal e da tradução de Boris Schnaiderman e Nelson Ascher.

ВИНОГРАД⁴

Не стану я жалеть о розах,
Увядших с легкою весной;
Мне мил и виноград на лозах,
В кистях созревший под горой,
Краса моей долины злачной,
Отрада осени златой,
Продолговатый и прозрачный,
Как персты девы молодой.

Uva

Não lamento as rosas,
murchas como a primavera leve,
para mim é agradável a uva nas videiras,
nos cachos que amadurecem ao pé da montanha,
a beleza do meu vale é fértil,
o deleite do outono é dourado,
alongado e transparente,
como são jovens os dedos das donzelas.

⁴ Disponível em: https://rvb.ru/pushkin/01text/01versus/0423_36/1824/0350.htm. Acesso em: 07 ago. 2020.

A UVA

Não choro, finda a primavera
ligeira, a rosa que definha,
pois, maturando numa vinha
ao pé do monte, a uva me espera:
primor do vale viridente,
deleite do dourado outono,
tão diáfana e tão longa como
os dedos de uma adolescente.
(PÚCHKIN, 2013, p. 233)

O poema de 1924 revela a faceta romântica do poeta russo, mas, como veremos, também pode ter uma leitura metalinguística sobre a própria poética de Púchkin. A faceta romântica se revela pelas imagens evocadas pelo Eu lírico. Assim, imagens como “rosas” e “primavera” dialogam e completam o painel natural sobre a reflexão do Eu acerca do título: uva. O poema também conta com o equilíbrio estético. As rimas seguem o padrão A B, A B, C B, C B. E conta também com versos pares que podem dividir o poema em dois quartetos.

No primeiro quarteto o Eu fala sobre a natureza e o elemento específico que dá título ao poema. E acaba por contrapor a rosa e a uva ao dizer que não lamenta pela rosa que definha após a primavera já que ainda conta com a uva na parreira. No segundo quarteto, o Eu acaba por comparar a beleza do vale com outras imagens poéticas.

Na tradução poética de Nelson Ascher e Boris Schnaiderman esse conflito da primeira parte do poema fica mais evidente: “Não choro, finda a primavera/ ligeira, a rosa que definha”. Com o *enjambement* sabemos que o adjetivo “ligeira” classifica a primavera, mas permanece no mesmo verso que “rosa”, contaminando também o segundo verso. É possível enxergar que na tradução poética os tradutores optaram por manter a rima A B, B A, C D, D C, porém alteraram a sua ordem. Nota-se também que nessa tradução foram conservadas as palavras-chave do poema para a interpretação, são elas: primavera, rosa, monte, outono.

Ao mesmo tempo, parece haver nessa primeira parte uma renúncia às imagens puramente românticas, já que o Eu prefere uma à outra. Isso dá força à segunda parte do poema já que o poeta escolhe o próprio solo – assim o poema vai do geral para o particular – para comparar suas imagens, construindo imagens reconhecíveis para o leitor. O quinto verso, “a beleza do

meu vale é fértil”, parece reforçar uma ideia nacional de poesia. Ao falar da primavera que acabou, o Eu ainda permanece vigorado diante das imagens que tem do próprio solo.

Se continuarmos nessa leitura, o Eu mostra que a primavera só tem um tempo de vida, pode falar com isso das formas talvez gastas do romantismo que já tiveram o seu tempo e já não servem como método de representação. Ou seja, o Eu usa a figura da rosa para falar de modo metonímico dessa forma de representação poética.

Como estamos estudando no curso, Púchkin constrói através de sua poesia e prosa uma poética própria. Alguns elementos, portanto, são descartados para abrir espaço para outros que façam sentido para o leitor russo. Púchkin, assim como Machado de Assis, dialoga à sua maneira com os precedentes movimentos literários. Assim como Machado dialogou com a sátira menipeia de Luciano, com Sterne e Goethe para construir um realismo à margem do capitalismo, Púchkin também o fez à sua maneira. Como é possível ver no poema “ДЕМОН” (Demônio), de 1923, Púchkin dialoga com *Fausto*, mas o faz de maneira alegórica para falar de sua própria transformação poética. Em certo sentido, o poema “Uva” também parece refletir sobre o gênio estético de Púchkin já que, como já se disse, o poema dialoga com imagens poéticas de alta ressonância.

No segundo quarteto do poema, o Eu diz que é a beleza do seu vale que reflete as mulheres e não a rosa da primavera que acabou. Com isso é possível interpretar que o Eu busca construir novas imagens – ainda que românticas – para tratar do belo. Também chama atenção os adjetivos “alongado e transparente”, que também reforçam uma ideia de busca de identidade e reconhecimento através das metáforas e ideias. Grosso modo, as imagens gastas do sentimentalismo parecem não compreender mais – de modo longo e transparente – a complexidade da fusão poética entre essas imagens e uma mulher.

Assim como acontece no poema “Demônio”, no qual a figura demoníaca pode ser entendida como uma potência criativa que mudaria a visão artística do Eu lírico, em “Uva” as imagens do solo próximo e as imagens reconhecíveis para o Eu também modificariam a sua visão estética ao buscar comparações para sua representação. Como vimos em aula, a primeira parte de “Demônio” fala sobre o sentimentalismo que, no final do século XVIII, era um método difundido de representação para exaltar a glória do tsarismo e, na segunda parte do mesmo poema, ele indica uma maturidade do Eu. O poema de *formação*, seguindo essa leitura, encontra eco também no poema “Anjo”, que reflete um questionamento parecido através da figura demoníaca. O poema “Uva” também o faz, porém na própria chave do romântico, buscando dessa maneira, na minha leitura, ressignificar as imagens gastas e vindas de fora da Rússia a fim de criar uma literatura que dialogue com seu povo.

Com isso, tanto na tradução literal do poema quanto na tradução poética, é possível identificar os motivos em comum dos poemas. O que escapa à tradução literal talvez seja uma maior fluidez pelos tamanhos e rimas dos versos, além de uma adaptação lexical que diz respeito à sua época.

Referências

PÚCHKIN, Alexandr. **A dama de espadas**: prosa e poemas. Tradução Boris Schnaiderman e Nelson Ascher. São Paulo. Editora 34, 2013.